

Homenagem



Acerca da contribuição historiográfica de Boris Fausto (1930-2023)

LUCA, Tania Regina de*

Ele ouve com resignação: “Ah, Boris Fausto. Eu conheço o senhor. O senhor escreveu aquele livro A Revolução de 1930’. Eu escrevi em 1969. Parece que de lá para cá eu não fiz mais nada”, lamenta-se, em tom brincalhão, o historiador Boris Fausto, lembrando o “incômodo” que tem ao ser abordado, volta e meia, por pessoas que teimam em associá-lo unicamente ao seu primeiro livro (HAAG, 2011).

A observação, registrada em entrevista de 2011, testemunha o impacto da tese de Boris Fausto, defendida em 1969 na Universidade de São Paulo e transformada em livro no ano seguinte, sob a chancela da prestigiosa Editora Brasiliense, que tinha à frente Caio Prado Júnior. De fato, a obra – *A revolução de 1930: historiografia e história* – não perdeu seu vigor e continua a ser lida e debatida. Insurgindo-se contra interpretações então dominantes acerca do movimento que colocou fim à Primeira República, o subtítulo bem expressou a novidade metodológica, num momento em que eram raras as reflexões acerca de percursos historiográficos assim como pesquisas dedicadas ao período republicano.¹ O autor, nascido em São Paulo em 1930, estava longe de ser um iniciante. Em 1953, formou-se em Direito na Faculdade do Largo de São Francisco e, em 1962, já como Procurador do

* Professora do Departamento de História da Unesp/Assis e do programa de Pós-graduação em História da Unesp. Bolsista produtividade nível 1 A do CNPq, desenvolve pesquisas acerca da história da imprensa e dos intelectuais.

¹ Em depoimento de março de 2000, esclareceu: “Por trás dessa ideia [estudar a Revolução de 1930] estava a minha briga teórica com o PC, aquela coisa da revolução burguesa, a simplificação do episódio de 1930 como disputa entre dois imperialismos (...). Naquele momento havia a ideia de que a burguesia nacional tinha triunfado em 1930, concepção defendida principalmente por Nelson Werneck Sodré (...). [Teve impacto] porque bateu de frente com as teses consagradas e porque é um livro pequeno que propôs uma nova formulação” (MORAES; REGO, 2002, p. 103 e 107, respectivamente).



Estado e desempenhando funções de assessor jurídico junto à reitoria da Universidade de São Paulo, ingressou no curso de História da mesma instituição, concluído em 1967.

Em 1975, veio a público o primeiro dos quatro volumes da *História Geral da Civilização Brasileira* dedicados à república, sob direção geral de Boris Fausto, que substituiu Sérgio Buarque de Holanda, responsável pelos exemplares relativos à Colônia e ao Império. A coleção, sem dúvida um marco na nossa produção historiográfica, contribuiu, no que tange especificamente aos tomos do período pós 1889, para reposicionar a história recente do país e, como bem salientou Fausto na nota de apresentação do livro inaugural, *Estrutura de poder e economia (1889-1930)*, ambicionava-se ultrapassar tanto o tratamento episódico dos acontecimentos e personagens quanto as amplas generalizações de cunho ensaístico, não raro ancoradas em esquemas mecânicos. O empreendimento da Difusão Europeia do Livro (Difel) estava em sintonia com o crescente interesse pelas décadas iniciais do século XX, para o que a tese de Fausto muito contribuiu. O contexto político, por seu turno, marcado pelo golpe de 1964, tornava urgente compreender os caminhos percorridos. Cabe salientar os objetivos do projeto e o diagnóstico preciso em relação aos desafios historiográficos:

Sem dúvida, não devemos exagerar o avanço da historiografia nos últimos anos, cujos limites são demasiado evidentes. O futuro dirá, com razão, que ainda estamos em grande medida presos ao domínio do quantitativo e do impressionista, na impossibilidade de integrar a este domínio uma investigação de padrão científico mais rigoroso. Com igual razão, dirá também que as grandes linhas estruturais da história do país foram ainda muito pouco tocadas, na área do cultural e do afetivo. A temática da história das mentalidades e não apenas das ideias, da história da cultura material e não apenas da história econômica, apenas engatinha. Por que não pensar em faixas quase intocadas...? (FAUSTO, 1975, p. 8)

Parte das referidas faixas começavam a ser palmilhadas e, ainda uma vez, com importante contribuição de Fausto. Não é fruto do acaso que vários pesquisadores então se dedicassem ao estudo da classe operária, perscrutando o processo de constituição, as diferentes formas de organização, condições de trabalho, conflitos coletivos, posturas ideológicas, com crescente destaque para as aspirações e aspectos culturais da vivência dos trabalhadores, na chave postulada por E. P. Thompson, tarefa que tampouco pode ser dissociada da tentativa de responder às angustiantes demandas do tempo. Na tese de livre-docência, defendida em 1975 e publicada no ano seguinte pela Difel com o título *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*, na influente coleção *Corpo e Alma do Brasil*, dirigida por Fernando Henrique Cardoso, Fausto novamente inovou. Um de seus arguidores, de maneira perspicaz, pontuou: “Você começou escrevendo uma tese sócio-histórica e depois

enveredou com maior força pela História Cultural”,² ainda que questões de ordem estrutural continuassem a desempenhar papel relevante na justificativa para a debilidade da classe operária, perspectiva relativizada na produção especializada mais recentes.

O deslocamento de temáticas e abordagens foi expresso pelo próprio autor na pequena autobiografia que acompanha *Crime e cotidiano. A criminalidade em São Paulo (1880-1924)*, seu terceiro livro, lançado pela Brasiliense em 1984:

Gradativamente, fui me inclinando para a História Social (...). A ‘opção pelo crime’ data já de uns seis anos. Deriva de um conjunto de circunstâncias, algumas de ordem intelectual, outras da vivência do presente. *Crime e cotidiano* é o primeiro laborioso parto nesta linha. Gosto deste filho e espero produzir nesta seara mais alguns frutos” (FAUSTO, 1984, p. 294).

A obra, ancorada em vasta pesquisa documental, com destaque para os muitos processos acumulados no arquivo judiciário da Vila Leopoldina, convida, mais uma vez, a percorrer a capital paulista, destino de levas de imigrantes das mais variadas nacionalidades e que então conhecia intenso crescimento populacional e urbano. O período abarcado é, na essência, o mesmo do livro anterior, mas agora a cena é ocupada pelos que infringiam a ordem e por autoridades policiais e judiciais que, com olhar atento, alimentavam sonhos de controle. As formas de qualificar e perseguir os que transgrediam as leis, exibiam comportamentos considerados suspeitos e/ou professavam ideais políticos adjetivadas de perigosas, constituem-se na via privilegiada para identificar valores compartilhados no imaginário social. Imigrantes, negros, mulheres, crianças e adolescentes, em geral pobres, eram vítimas de perseguições arbitrárias, violências e desrespeito à dignidade humana, práticas que atingiam de forma particularmente brutal os afrodescendentes, a atestar o racismo estrutural que segue como uma das marcas da sociedade brasileira.

Tal como prometido, Fausto prosseguiu na temática e, em 2009, lançou pela Companhia das Letras *O crime do restaurante chinês*. Desta feita, o historiador privilegiou um *fait divers* específico: os assassinatos ocorridos em modesto restaurante chinês do centro de São Paulo, no dia 2 de março de 1938, uma Quarta-Feira de Cinzas. Dois empregados e o proprietário tiveram suas cabeças esfaceladas com golpes de uma mão de pilão, enquanto a esposa do último foi estrangulada no quarto do casal, não sem lutar com

² Frase atribuída por Fausto a Cândido Procópio Ferreira de Camargo, que integrou a banca de livre docência ao lado de Franciso Weffort, Leôncio Martins Rodrigues, Michel Debrun e Vicente Marotta Rangel (MORAES; REGO, 2002, p. 114). É curioso que, anos depois, a formulação tenha sido lembrada de modo diverso, com o arguidor afirmando que Boris “começara na história e terminara na antropologia” (FAUSTO, 2010, p. 250-251).

seu agressor. Não é o caso de detalhar a trama, sob pena de privar o leitor do prazer da descoberta dos meandros de uma boa história. Mas vale destacar o que ensina o autor nesse exercício de micro história, que possibilita extrair significados relevantes de uma situação aparentemente pontual, transformada em porta de entrada para apreensão de processos de largo alcance. Assim, por exemplo, a partir da origem dos envolvidos – chineses, lituanos, brasileiros de diferentes origens – o caráter multiétnico da cidade, as oportunidades de ascensão abertas a alguns e as duras condições de vida e trabalho dos mais humildes, expressa no fato de os funcionários transformarem mesas do restaurante em camas, são exploradas pelo autor.

As práticas policiais e o intenso debate que dividia o mundo médico e jurídico em relação à forma de abordar atitudes antissociais, por sua vez, são revisitados a partir dos procedimentos utilizados para incriminar o suspeito. Já os meandros dos tribunais, a atuação dos advogados e os – até certo ponto surpreendentes – resultados do júri, composto por indivíduos da elite, capazes de entender os detalhes técnicos de testes psicológicos e das teorias antropológicas em voga, são debatidos à luz desse caso concreto, que não deixou de comportar lances explícitos de racismo, tendo em vista o fato de o réu ser negro. Uma década depois, o exercício prosseguiu em *O crime da Galeria de Cristal e os dois crimes da mala*. São Paulo, 1908-1928, lançado em 2019 pela mesma editora e que, como indica o título, percorre um rol de crimes célebres escrutinados pelo olhar atento do historiador.³

A incessante experimentação e reinvenção metodológica não implicou, porém, no abandono de temáticas da história política, tanto que, em 2006, na série Perfis Biográficos da Companhia das Letras, Fausto figurou com *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. A sucessão de publicações atesta sua contribuição em diferentes frentes historiográficas, o que também incluiu o público não acadêmico. Em 1994, escreveu para a Coleção Didática Edusp o manual *História do Brasil*, que alcançou retumbante sucesso, com várias reedições e atualizado na décima-quarta, de 2012. A obra deu origem a oito episódios produzidos pela TV-Escola em 2002, que acumulam milhares de visualizações.⁴

Boris Fausto também escreveu na grande imprensa. Os textos publicados na *Folha de S. Paulo* entre 1990 e 2005 foram reunidas em *Memória e História*, com o selo da Graal. As crônicas, que abordam temáticas as mais variadas, contemplam aspectos de cunho pessoal e memorialístico, ao lado de outras consagrados a personagens e situações históricas, fatos contemporâneos, mas sempre com o sabor característico dos bons

³ A busca por um dos processos foi narrada de maneira saborosa em (FAUSTO, 2014, p. 129-132). Nova edição em 2018.

⁴ Há uma versão sintética, traduzida em diversas línguas e que também conta com reedições (FAUSTO, 2001).

escritores. Veja-se, a título de exemplo, a comparação entre meteorologistas e economistas:

Com frequência, as previsões do tempo são vagas, especialmente na televisão, que de pouco adiantam, a não ser para cobrir o risco de erros prognósticos; ou, então, quando tratam de ser mais precisas cometem evidentes enganos. Os profissionais se defendem com uma argumentação bastante razoável. Ninguém se dá conta dos muitos dias de acerto das previsões e os erros ocorrem pela volatilidade do tempo, de frentes frias, por exemplo, que na última hora mudam seu curso, seguindo desígnios inesperados. Por sua vez, é um exercício instrutivo ler as previsões dos economistas no início do ano e compará-las no fim de dezembro, deixando de lado por um momento, as festas natalinas. Há com frequência erros consideráveis, sobretudo quando ocorre mudança de rumos da política econômica e as previsões tonam-se mais necessárias(...) (FAUSTO, 2005, p. 81).⁵

A versatilidade e inventividade de Fausto levou-o, ainda, a embrenhar-se por diferentes sendas. Data de 1997 a publicação de seu primeiro livro de caráter autobiográfico: *Negócios e ócios, história da imigração*, lançado pela Companhia das Letras e continuado em 2010 por *Memórias de um historiador de domingo*, pela mesma editora, título que ecoa o de Philippe Ariès, *Un historien du dimanche* (1980).⁶ Conforme Fausto explicitou na primeira das obras citadas, o projeto insere-se no que Pierre Nora (1989) denominou de ego-história⁷ e está longe de se esgotar em minudências de cunho particular, antes intenta relacionar experiências vividas às condições histórico-sociais, das quais os percursos singulares não se apartam. O autor considera que seu esforço

(...) poderia ampliar um pouco o conhecimento da micro história da imigração, da cidade de São Paulo da década de 1920 até a década de 1950, do mundo dos negócios do café, da socialização escolar etc. Percebi ainda que a narrativa teria a possibilidade de suscitar no leitor uma reflexão sobre temas como o modelo de relações familiares – a partir de um tipo de família hoje em crise – ou sobre a transmissão de conhecimentos e de valores, ou seu bloqueio, de uma geração para outra (FAUSTO, 1997, p. 8).

⁵ O autor esclarece que, exceção feita ao primeiro texto, inédito, e ao intitulado *O fim de uma era*, todos os demais foram estampados na *Folha de S. Paulo*.

⁶ Trata-se de longa entrevista concedida por Ariès a Michel Winock. O título da obra justifica-se pelo fato de o autor haver produzido suas principais obras fora dos meios universitários, o que não foi o caso do professor Fausto. Em português, o título é diverso (ARIÈS, 1994).

⁷ Na introdução, NORA (1989, p. 11) “O que é ego-história? Não se trata de uma autobiografia pretensamente literária, nem de uma profissão de fé abstrata, nem de uma tentativa de psicanálise. O que está em causa é explicar a própria história como se fosse de outrem, tentar aplicar a si próprio, seguindo o estilo e os métodos que cada um escolheu, o olhar fio, englobante e explicativo que tantas vezes se lançou sobre os outros. Em resumo, tornar clara, como historiador, a ligação existente entre a história que cada um fez e a história de que cada um é produto”. Primeira edição (NORA, 1987).

Posição reafirmada no livro seguinte, no qual a ambição seguia sendo a de “recordar momentos de vida que possam ultrapassar o limite dos sentimentos pessoais, situados na esfera privada, e retratem algo que combine com o universo privado e o público, como um fragmento significativo dos *tempos vividos*” (FAUSTO, 2010, p. 10, grifo no original). Se em Nora e Fausto a literatura não é o ponto de partida, no campo ficcional Annie Ernaux lançou em 2008 seu aclamado *Les années*, no qual a fronteira entre o que concerne apenas ao indivíduo, sua mais profunda intimidade, atravessada por frustrações e realizações, também dialoga com circunstâncias compartilhadas e que compõem o contexto e a atmosfera de uma época, abordagem capaz de interessar e mobilizar os que se situam em outras temporalidades.⁸

Ainda no registro autobiográfico, insere-se o diário intitulado *O brilho do bronze*, referência à lápide da companheira de quase cinquenta anos, a professora Cynira Stocco Fausto, falecida em junho de 2010. No diário, iniciado pouco depois, em 17 de julho, e que se estende por quase quatro anos, até 29 de março de 2014, o vazio, a saudade e a dor da ausência são tratados de forma tocante. As muitas idas ao cemitério, a escolha das flores, o cuidado com a lápide, o desassossego dos dias solitários, as lembranças encrustadas nos objetos. Por vezes, o vão desejo de que tudo não tivesse passado de um sonho ruim, logo superado pela crueza da finitude da vida:

Fim de tarde, domingo chuvoso, silêncio em casa. Neurose ou depressão dominical? Tenho a ilusão (isso me assusta) de que o telefone vai dar toques estridentes e cortar o silêncio. Cynira me dirá com sua voz de moça fina que eu fui um bobo. Tudo não passou de brincadeira, “e você sofreu tanto... Já, já, volto para casa e vamos dormir juntos no melhor momento do dia”. Minha relação à fantasia é curiosa. Ao escrever sobre ela tenho a sensação de que a volta de Cynira é possível – uma enorme felicidade recuperada, agora com melhor compreensão. Ao mesmo tempo, não me iludo: a angústia me atravessa de alto a baixo (...) (FAUSTO, 2014, p. 82)⁹

Ao lado das aflitivas anotações acerca da travessia do luto, ou melhor dos lutos, pois em abril de 2012 perdeu seu irmão, o médico radicado nos Estados Unidos Nelson Fausto, o leitor se depara com divertidas conversas com motoristas de táxi, observações sagazes acerca de cidades e países visitados, situações do cotidiano, como a ida ao banco ou ao barbeiro, narradas com boa dose de humor e ironia. Impagável é o trecho no qual o autor, torcedor apaixonado do Corinthians, confessa que na missa, na altura em que padre

⁸ Versão em português (ERNAUX, 2021).

⁹ Ou ainda: “Gaveta. Acordo melancólico e tenho o impulso de abrir uma das gavetas do móvel que a Cynira tinha (o tempo verbal me incomoda...) ao lado da cama. Fitas vermelho-douradas de Natal cuidadosamente dispostas, pequenos objetos que só as mulheres sabem comprar e dar de presente, cuja utilidade me escapa. Talvez não tenham utilidade, mesmo. Tanto melhor. Lágrimas. Fecho a gaveta” (FAUSTO, 2014, p. 65).

entoa solene: “Santo, santo, santo”, a evocação lhe soava como Santos, no plural, ao que ele retrucava em voz baixa, “mesmo temendo as fogueiras da Inquisição: ‘Corinthians, Corinthians, Corinthians’” (FAUSTO, 2014, p. 14).

Outra perda dolorosa em maio de 2020, a morte súbita do irmão mais novo, o filósofo Ruy Fausto que residia em Paris, o impulsionou a escrever sobre a família e as relações com os irmãos, num contexto marcado pelas incertezas e o isolamento da pandemia do Covid-19. Seu último livro, *Vida, morte e outros detalhes*, foi lançado pela Companhia das Letras em 2021. Às memórias da infância e adolescência na casa da Avenida Angélica, somam-se reflexões sobre o viver, a finitude e a passagem do tempo, entremeadas de notas argutas sobre a pandemia, os efeitos do isolamento e comentários sobre o cotidiano, sempre com sua característica ironia. Assim, por exemplo, ao se deparar com o título *O Brasil dobrou à direita*, anotou: “Fico pensando. Quando ele [o autor] poderá aproveitar esse título num outro livro, tirando apenas a crase?” (FAUSTO, 2021, p. 180).

As breves considerações obviamente não têm a pretensão de dar conta de toda a produção do autor, mas são suficientes para indicar a amplitude dos campos teóricos percorridos, o constante diálogo com as inovações metodológicas, a inquietação e a construção de um percurso de pesquisa constantemente reinventado. É fato que a formação acadêmica não se iniciou pela história e que a passagem pelo Departamento de Ciências Políticas da Universidade de São Paulo ocorreu após a aposentadoria como procurador, circunstâncias da vida que não impediram que o professor Boris Fausto fosse um historiador em tempo integral, que deixou legado dos mais importantes para a historiografia brasileira.

Referências

ARIÉS, Philippe *Um historiador dileitante*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

ARIÉS, Philippe. *Un historien du dimanche*. Paris: Seuil 1980.

ERNAUX, Annie. *Les années*. Paris: Gallimard, 2008.

ERNAUX, Annie. *Os anos*. São Paulo: Fósforo, 2021.

FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2001.

- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1994.
- FAUSTO, Boris. *Memória e história*. São Paulo: Graal, 2005.
- FAUSTO, Boris. *Memórias de um historiador de domingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FAUSTO, Boris. *Negócios e ócios*. Histórias da imigração. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FAUSTO, Boris. Nota Introdutória. In: FAUSTO, Boris (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Estrutura de poder e econômica (1889-1930). Rio de Janeiro: Difel, 1975, Tomo III, v. 1.
- FAUSTO, Boris. *O brilho do bronze* [um diário]. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- FAUSTO, Boris. *O brilho do bronze* [um diário]. São Paulo: SESI-São Paulo Editora, 2018.
- FAUSTO, Boris. Sobre o autor. In: *Crime e cotidiano*. A criminalidade em São Paulo (1880-1924). São Paulo: Brasiliense, 1984;
- FAUSTO, Bori. *Um historiador de domingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FAUSTO, Boris. *Vida, morte e outros detalhes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- HAAG, Carlos. Boris Fausto: A história por puro prazer. *Revista Fapesp*, São Paulo, edição 180, fev. 2011. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/boris-fausto-a-historia-por-puro-prazer/>. Acesso em: 10/05/2023.
- MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Márcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- NORA, Pierre. *Ensaio de ego-história*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- NORA, Pierre. *Essaies d'ego-histoire*. Paris: Gallimard, 1987.